

# O estilo Leitão

André Gustavo Stumpf

Em pouco mais de duas semanas no Gabinete Civil da Presidência da República, o Ministro Leitão de Abreu exibiu um estilo novo de fazer política e deu indícios suficientes para os políticos perceberem que o projeto de abertura foi modificado na essência. O professor de direito, Ministro do Supremo Tribunal Federal e estudioso das leis tem recorrido a exemplos jurídicos para sustentar que não há mais pontos pré-fixados a serem atingidos pelo governo federal na implantação do projeto de abertura.

A terminologia jurídica tem recorrido o novo chefe do Gabinete Civil na defesa de seus argumentos. Há, segundo ele tem explicado, um espaço compreendido entre o ser e o dever ser. Vale dizer entre a vontade e a possibilidade política de implementá-la. O projeto político brasileiro oscila entre estes dois pontos, o desejo presidencial, jurado, de fazer deste país uma democracia e a probabilidade de assim proceder. E neste espaço, percebendo pragmaticamente a possibilidade de alargar o espaço para a democracia no país, que o Ministro Chefe do Gabinete Civil pretente navegar.

Ressalta de várias conversas mantidas pelo Ministro Leitão de Abreu, a idéia de que o processo de aperfeiçoamento democrático é um exercício permanente das sociedades em todo o mundo. Vez por outra o Chefe do Gabinete Civil argumenta com sociedades como a norte-americana ou a francesa onde as instituições se aperfeiçoaram ao longo do tempo através de um caminho natural que distinguiu o ser do dever ser. Aquelas comunidades caminharam no sentido de institucionalizar aquilo que era possível.

Com base naquelas idéias, o estilo Leitão de Abreu é também o estilo que brota da necessidade. Ele já esteve duas vezes no gabinete do Ministro da Justiça, Abi-Ackel, para tratar diretamente de assuntos de interesse do governo. Recebeu, no Planalto, todos os líderes do Senado e na Câmara e deu instruções muito claras sobre como proceder. De resto, intermediou a solução da crise do sistema previdenciário e já estuda a questão da redução das áreas de segurança nacional.

Ao lado disto, o desmentido que fez divulgar em nota oficial, nesta semana,

evidencia o caráter disciplinado de sua maneira de agir. A nota começa afirmando que o Ministro Leitão de Abreu não prestou declarações a qualquer jornalista a respeito dos problemas de Salvador e sua vinculação com as eleições de 1982. Numa nota de poucas linhas e dois parágrafos, o Chefe do Gabinete Civil desdisse os senadores que estiveram com ele e reafirmou que as conversas políticas são protegidas por um círculo de discrição.

Depois, a outras pessoas, Leitão de Abreu pediu que não cometessem a injúria de achar que ele subordina a eleição à manutenção da tranquilidade em todo o país. O Ministro entende, segundo vários depoimentos, que na construção da sua democracia ideal os antagonísticos devem divergir utilizando meios semelhantes. Os divergentes não devem recorrer a força, porque se agindo assim estariam negando a própria convivência democrática. No plano das coisas práticas, o Chefe do Gabinete Civil tem reconhecido a dificuldade da situação brasileira e lembrado que a Inglaterra, uma democracia estável, enfrenta onda de violência irracional, fato que deverá contribuir para solidificar o entendimento dos ingleses a respeito de seu regime político.

Os argumentos jurídicos, filosóficos e de teoria política, conduzem o professor Leitão de Abreu a preferir que a reforma eleitoral pare onde está. Ele, como outros assessores do presidente da República, entende que o país começa a viver um processo pré-eleitoral em que é necessário consolidar as normas existentes para realizar eleições. De seus contatos com o Ministro da Justiça surgiram novas idéias sobre a realização das eleições: uma delas é fazer o pleito em dois turnos. E na outra linha de ação, tem procurado consolidar o PDS para que o partido dispute eleições com alguma chance.

O estilo Leitão de Abreu que tem lhe consumido muito tempo — ele queixa-se de que falta tempo para ler jornais, modificou na essência o comportamento de políticos e ministros que aliás, andam mais calados nos últimos tempos. O pragmatismo surge do Gabinete Civil do Pácio do Planalto, no espaço compreendido entre o ser e o dever ser.